

Momentos Felizes que Foram Devorados

Luciano Cabral

a gente fazia isso entre dez e três da tarde, antes disso o metrô é muito cheio, não dá nem pra se mover direito, e cedo é também hora de ir pro trabalho, as pessoas querem continuar descansando durante a viagem, querem cochilar de manhã, ninguém quer ouvir música, e se de manhã já é cheio, depois das três é quase impossível fazer qualquer outra coisa que não ficar desconfortável, ficar em pé, apertado, aguardando a estação pra descer e ir logo pra casa, ninguém quer te ouvir tocar ou cantar nada, querem sossego, mas das dez da manhã até umas três ou três e meia a gente encontra passageiros dispostos a ouvir e a contribuir, nós entramos num vagão do meio e faltava pouco pras três, era ali que se concentrava mais gente mas a gente ainda podia andar pra lá e pra cá enquanto eu tocava e Patrícia cantava e mais gente é mais possibilidade de contribuição, as portas iam fechando e eu já me preparava pra tirar meu violão do case quando entrou um segurança, ele olhou pra mim e eu olhei pra ele, ele olhou pra Patrícia, ela carregava uma panderola na mão, que ela usava pra me acompanhar enquanto cantava, ele sabia o que a gente ia fazer mas não disse nada, eu fingia que estava só conferindo as trancas do case, disfarçando pra o segurança não implicar com a gente mas Patrícia começou a cantar de repente, sem mim, só batendo a panderola, encarando o cara, eu costumo dizer que ela tem os olhos moles, uns olhos de fazer doer, se Patricia estivesse aqui, ela diria que eu estou enlouquecendo, mas não estou, aqueles olhos tinham o poder de petrificar e foi isso o que aconteceu com o segurança porque ela cantava e ele não fazia nada, não reclamava nem nada, continuou imóvel ali de pé ouvindo a canção, eu não arrisquei e mantive meu violão dentro do case, estava contando que o segurança desembarcaria no Largo do Machado, mas as portas se abriram, passageiros saíram, passageiros entraram, ele continuou petrificado, ouvindo a voz de Patrícia, olhando nos olhos dela, notei que havia um leve movimento nos lábios do segurança, como se estivesse cantarolando a canção junto com Patrícia, cantarolando que era Pagu indignada no palanque, mas então eu percebi que outros passageiros também acompanhavam e cantavam junto com ela como que hipnotizados enquanto ela passava entre eles, eu me agachei e pus o case no chão pra pegar o violão, a gente tinha ensaiado pela manhã e seria a primeira vez que a canção seria tocada em público, então eu reparei que o bico do coturno do segurança roçava o case, ele tinha saído do seu estado de petrificação e vinha reclamar comigo, foi o que eu pensei naquela

hora, meu case aberto, o violão à mostra, ele tinha que cumprir com seu trabalho e vinha falar pra que nós nos retirássemos do trem, que aquilo não era permitido, que usaria a força se necessário, aquela abordagem que a gente já tinha escutado diversas vezes, minha surpresa foi grande porque o segurança estendeu a mão e jogou umas notas dentro do case e não era quantia pequena, eu olhei pra cima e ele estava sorrindo e ainda cantarolando, virou as costas e foi andando até a outra ponta do vagão, não lembro de alguém ter saído ou entrado no vagão quando o metrô parou no Catete, acho que eram os mesmos passageiros, o que me vem à mente são sempre os mesmos passageiros, os mesmos rostos, eles fingem que não lembram de mim mas eu lembro de cada um deles, daqueles que permaneceram até o fim como eu, mas também lembro dos rostos daqueles que foram devorados, eu estava abaixado ainda, claramente indeciso, não sabia se pegava o violão ou deixava que Patrícia cantasse sozinha, o segurança já estava junto à porta, pronto pra sair, mas eu não me resolvia, olhei pra Patrícia e ela apontou pro violão e franziu a testa, a gente se entendia só por gestos, eu entendi então e peguei o violão e nem deu tempo de checar afinação, passei a correia pelo ombro e comecei a tocar, foi muito bonito ver que o ensaio tinha dado resultado, os passageiros estavam gostando e começaram a levantar e a contribuir, eu empurrei o case com o pé pra o meio do vagão, pra ficar mais próximo dos que estavam sentados, pra facilitar a contribuição, ouvíamos o tilintar das moedas caindo no case, víamos umas notas, a gente ouvia elogios, eu agradecia, feliz é aquela que nasce com os olhos amolecidos, eu pensei enquanto mirava Patrícia, ela cantava, eu tocava, mas a canção acabou entre o Catete e a Glória e foi entre o Catete e a Glória que o trem parou, esperamos e esperamos a liberação do tráfego à frente como sempre é pedido pelo condutor nos alto-falantes, Patrícia e eu já tínhamos recolhido o dinheiro do case, tínhamos guardado o violão e a panderola e a gente conversava pra passar o tempo, Patrícia me perguntou porque eu achei que o sobrenome dela fosse Goulart, não sei, eu respondi, Goulart parece mais apropriado pra você, não gosto do meu sobrenome mas gosto do apelido que você me deu, alguns passageiros já se mostravam impacientes porque a espera estava demorando mais do que o normal, um rapaz perto de nós comentou que seu celular não tinha sinal e, quando verifiquei o meu, também não tinha, a gente ainda conversava, uma senhora disse que já estávamos parados há mais de quinze minutos e isso não era normal, Patrícia olhava pelo vidro e era escuro lá fora, o segurança pegou o rádio e tentou contato com a central e a maioria de nós ficou em silêncio pra saber qual era o problema mas ele não obteve resposta, o rádio transmitia uns chiados estranhos, o segurança apertava os botões e nada mudava, ele continuou tentando, alguns começaram a reclamar do serviço,

outros reclamaram do horário, exigiam que o segurança tomasse uma atitude, então o mesmo chiado que ouvimos no rádio do segurança começou a ser ouvido nos alto-falantes, eu franzi a testa pra Patrícia mas ela balançou a cabeça como que desconsiderando minha preocupação, ela tinha uma explicação razoável pra tudo o que acontecia, disse que o chiado devia ser pane no sistema de som, eu aceitei porque era possível que fosse pane, essas coisas acontecem mas não lembro de termos ficado parados por tanto tempo, eu disse, a gente se apresenta no metrô frequentemente, quase todos os dias e nunca tivemos que esperar tanto, ficamos esperando, não tinha muito o que fazer, mais de meia hora ali parados, alguns já se levantavam e olhavam pelos vidros, estava muito escuro lá fora, uma moça perambulava de um lado pra o outro com o celular pra o alto tentando achar sinal, o rádio do segurança era inútil, o chiado nos alto-falantes só fazia irritar mais, um homem de terno começou a discutir com um outro homem de terno, um rapaz meio impaciente tentou forçar a abertura das portas mas o segurança o impediu, informou que uma equipe já estava a caminho, que este era o procedimento padrão em situações como aquela, que a gente devia permanecer dentro do vagão, ouvir que o resgate já estava a caminho fez com que alguns se acalmassem, mas aí foi que alguém gritou que já estávamos parados fazia quase uma hora e ninguém havia aparecido ainda pra nos tirar dali, isso provocou grande falatório, o segurança pedia calma, o homem de terno continuava falando, o outro, que era bem mais alto, mais magro, óculos escuros no rosto, quase não respondia, continuava de pé, parado e ouvindo, eu tinha fome e perguntei a Patrícia se ela tinha fome também, respondeu que não, disse que tinha visto movimento lá fora nos trilhos, logo a gente sai daqui, ela disse, eu então passei a prestar menos atenção ao que se passava lá dentro e mais ao que se passava lá fora, Patrícia apontou pra alguma coisa e pediu pra que eu olhasse também, eu vi um vulto, algo que se movia na direção do nosso vagão mas era escuro demais pra distinguir o que podia ser e estava longe ainda, Patrícia disse que o vulto eram pernas, que já estavam chegando, que o segurança não estava mentindo, tem mesmo uma equipe vindo, eu pensei, puxei o case pra perto de mim, continuei olhando, a gente tem que ser um dos primeiros a sair daqui, Patrícia riu do que eu falei, acho que ela riu da maneira como eu falei, perguntou se eu estava com medo, ela gostava de me provocar, eu disse que não era medo, era só nervoso, esse chiado está me aborrecendo, essa demora está me aborrecendo, nem eu e nem ninguém está gostando de ficar aqui preso, eu respondi, naquele momento eu não tinha medo, o medo veio depois, uma mulata alta chegou perto de nós e perguntou nossos nomes com uma voz grossa que nada tinha de compatível com seu jeito feminino, Patrícia gostou dela, começaram a conversar, eu falei meu nome e

voltei a olhar pra fora, eu cutuquei Patrícia pra que ela também voltasse pra janela mas ela respondeu que estava conversando, quando eles chegarem, você avisa, ela disse e se afastou, eu queria ir embora dali logo, não queria ficar conversando, o vulto ainda estava em movimento, a equipe estava chegando, eu seria um dos primeiros a sair, meus olhos atentos à escuridão e meus ouvidos captando o chiado e o falatório dentro do vagão, o vulto estava chegando perto mas eu pude perceber que não eram pernas e não sei porque Patrícia achou que fosse uma equipe de resgate porque, quando passou, eu só consegui enxergar algo esbranquiçado, como uma fumaça magra, como uma névoa que parecia ter vida própria, meneando pra cima e pra baixo como se estivesse caminhando, passou diante da janela e eu tive que me esforçar pra discernir o que era aquilo, chamei Patrícia mas vi que ela tinha ido com a mulata pra outra ponta do vagão, falavam com o segurança e os homens de terno, ela me ouviu e olhou pra mim, eu apontei pra janela, pra que ela observasse lá fora, ela encostou a cara no vidro por um tempo, eu também, estava muito escuro, eu não via mais a névoa, tinha desaparecido completamente, o segurança pediu a palavra e o falatório parou, isso fez com que o chiado nos alto-falantes ficasse mais irritante, ele informou que a equipe de resgate já estava retirando os passageiros e logo viriam nos buscar, foi aí que alguém gritou que não tinha mais ninguém nos vagões vizinhos e então a gente correu pra verificar, não tinha mais ninguém nos outros vagões, só algumas bolsas esquecidas, uns pedaços de pano no chão, alguns sapatos, eu tentei abrir a porta de acesso mas não consegui, estava trancada, emperrada, não sei, Patrícia me puxou pra longe dos outros e perguntou o que eu queria fazer lá no outro vagão, eu disse que tinha que averiguar a coisa, aquilo era estranho, tinha pertences lá, as pessoas largaram pra trás na correria, na vontade de sair, ela disse, foi isso o que aconteceu, eu aceitei porque era possível que as pessoas tivessem esquecido coisas na pressa de serem resgatadas, você mesmo quer ser o primeiro a sair daqui, Patrícia disse e eu acenei com a cabeça, eu queria sair dali o mais rápido possível porque algo me dizia que havia alguma coisa errada, o segurança pediu calma, falou que nós seríamos resgatados em breve, um homem com uma bíblia gritou que só quem tinha o poder de resgatar as almas era Jesus, a mulata fez cara de impaciência e se afastou, o homem com a bíblia foi atrás dela, ai de mim, pois estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, e continuou pregando, eu estava com fome e ela aumentou quando eu vi um passageiro comendo uma barra de chocolate, ele estava sentado num canto, segurando uma bolsa grande e eu fiquei olhando pra ele, esperando que ele me oferecesse um pedaço talvez, mas nada, eu falei pra Patrícia que estava com fome, ela disse que estava apertada, também não via a

hora de sair dali, alguns já estavam bem desanimados com a situação toda e nem conversavam mais, o falatório do início tinha sido reduzido a um ou outro falando pouco aqui e ali, o gordo de terno insistia pra que o segurança continuasse tentando contato com alguém e aí aproveitando que o instante não tinha vigilância, o rapaz que já tinha tentado abrir a porta do vagão tentou de novo, mas dessa vez ele tinha uma moça com ele, os dois forçaram a porta do meio e ela começou a ceder, eu estava encostado numa outra porta, no canto, uma névoa branca começou a se infiltrar pela abertura e o barulho que o casal fazia era abafado pelo chiado dos alto-falantes, a fuga dos dois era quase certa mas eu acho que a movimentação chamou a atenção do segurança, ele veio correndo, já tirando o cassetete do cinto e agredindo o rapaz, os passageiros que levantaram pra separar a briga também levaram pancada, o segurança berrava que ninguém podia sair, ninguém vai sair, ninguém vai sair, eu pensei em fazer alguma coisa, partir pra cima do segurança mas Patrícia me segurou, disse pra eu não me meter, a gente tem que fazer alguma coisa, eu falei pra ela, fica aqui, já tem gente pra cuidar disso, olha, ela disse, o cara alto de terno veio e, por trás do segurança, tirou o cassetete da mão dele, o segurança era forte mas não era tão grande, acho que foi isso que pesou pra ele desistir de enfrentar o cara, os passageiros reclamaram, chamaram o segurança de covarde e ele continuava repetindo que a ordem era manter todo mundo dentro do vagão, a moça disse que tinha sido agressão desnecessária, não precisava me bater com isso, o rapaz falou, o segurança saiu de perto e foi sentar num canto, a mulata gritou que ela iria denunciar aquele excesso de violência assim que saísse dali, que iria direto pra delegacia prestar queixa e continuou falando, Patrícia também gritou alguma coisa mas eu não lembro exatamente o que foi, eu já não conseguia pensar direito, não conseguia enxergar as pessoas direito, a névoa que entrou era densa, permaneceu lá dentro do vagão e embaçava a visão, a gente abanava as mãos pra dissipar a névoa mas ela se condensava mais, alguém gritou que já estávamos ali fazia três horas e nada de resgate, o falatório voltou e agora as vozes se misturavam mais do que antes, muita gente falando ao mesmo tempo, reclamando, xingando, o segurança, lá do canto, retrucava, o casal que tentou fugir também, então o que aconteceu foi que os alto-falantes começaram a emitir outro som, não era chiado apenas, era um som de coisas sendo quebradas ou sendo torcidas, não sei bem, o falatório não me deixava ouvir direito, perguntei pra Patricia se ela estava ouvindo aquilo e ela disse que não ouvia nada além de chiados, presta atenção, eu pedi, ficamos quietos, concentrados nos alto-falantes, as vozes atrapalhavam mas eu ouvia um barulho de coisas sendo destruídas, sendo esmagadas, como se alguém estivesse quebrando vidro ou batendo em alguma coisa feita de metal, Patrícia

dizia que não ouvia nada, eu acho que ela ouvia e só afirmava que não ouvia porque isso não seria fácil explicar de maneira racional, eu ouvia nitidamente, tinha muita gente falando ao mesmo tempo mas eu sabia o que era voz, o que era chiado e o que não era, pra poder escutar melhor, eu fui até um alto-falante, subi no assento e pus meu ouvido o mais próximo que pude, foi aí que o som desapareceu e as luzes se apagaram completamente, a escuridão que eu via lá fora estava agora dentro do vagão, vários passageiros gritaram, diziam que já não aguentavam mais, alguns xingaram o segurança, ouvi Patrícia chamar meu nome e eu comecei a caminhar na direção da voz dela, pensei em deixar meu violão no assento mas não queria perdê-lo como aconteceu nos outros vagões, com os passageiros deixando pertences pra trás, eu não queria deixar meu violão pra trás, continuei andando pra encontrar Patrícia, carregando o meu case, tropecei em alguém, uma voz feminina reclamou, pedi desculpas, tateei uma baliza no meio do caminho, chamei o nome dela, ela respondeu e eu continuei, então eu avistei um foco de luz e depois outro, o vagão foi se iluminando aos poucos, alguns passageiros começavam a ligar a lanterna dos celulares e eu esqueci que também podia fazer isso, meu celular continuava sem sinal, pelo menos a bateria está cheia, eu pensei, aponte a luz pra frente e Patrícia estava perto da porta ainda, a névoa que cobria o vagão perturbava os olhos, parecia ter ficado mais densa ainda através do feixe de luz, os olhos de Patrícia tinham endurecido quando eu encarei seu rosto, nunca tinha visto aqueles olhos assim, aquela névoa sinistra era capaz de alterar o humor de qualquer um, quero teus olhos moles outra vez, eu pedi, ela sorriu, eu a abracei forte, se eu soubesse que ela iria desaparecer, meu abraço teria sido demorado, ela começou a falar e insistia numa saída racional pra explicar o que estava acontecendo, pane no sistema de som e pane na eletricidade, a equipe de resgate está atrasada porque estão resgatando outros passageiros dos outros vagões, ela disse, os outros passageiros já saíram, você viu, ela disse, eu não respondi nada mas eu sabia que aquela situação era perturbadora, se os passageiros dos outros vagões já tinham sido resgatados, porque nós não? a gente estava num dos vagões do meio, por que eles iriam deixar a gente pra trás? eu não falei nada disso pra Patrícia, ela se sentia mais tranquila quando achava razão pra eventos fora do comum, eu não disse nada mas sabia que a explicação não fazia sentido, o diabo foi lançado no fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta, o homem com a bíblia começou a dizer que a gente estava sendo mandado pro inferno, sem eletricidade, o vagão estava ficando mais quente, ouvi um garoto de uns dez anos dizer que não estava mais aguentando segurar e a mãe foi com ele até um canto, ao lado da porta de acesso pra o outro vagão, próximo de onde eu estava com Patrícia, alguém disse

que ele deveria esperar um pouco, já esperei demais, a mãe gritou com raiva, o garoto já estava agachado e o cheiro logo começou a entranhar no meu nariz, Patrícia fazia cara feia mas não reclamou, alguns apontavam a luz pra lá e a mãe gritava pra que apontassem pra outro lugar, a mulata mandou que parassem, que estavam constrangendo o menino, foi até o pastor e arrancou a bíblia da mão dele, é a névoa e agora esse cheiro, eu disse e Patrícia perguntou de que névoa eu estava falando, a mulata rasgou umas duas páginas da bíblia e foi até onde o garoto estava, os feixes de luz corriam de um lado pra o outro, focavam na mãe, na mulata, no pastor, no garoto, nas fezes do garoto no chão, no rosto de alguém que se queixava, a mãe pegou as páginas da mão da mulata, agradeceu e as entregou ao menino, ele se limpava enquanto o pastor berrava que era profanação, era desrespeito, é a palavra de deus, ele dizia, a mulata revidava, falava que a bíblia servia pra limpar impurezas, a imagem do interior daquele vagão parecia um palco grotesco, pessoas rosnavam umas pras outras, luzes passavam, o calor aumentava e o cheiro revirava o estômago, peguei Patrícia pela mão e a puxei pra longe dali, a verdade era eu queria me afastar, melhor desligar o celular um pouco, Patrícia mencionou que a bateria estava quase acabando, eu olhei pra tela e a porcentagem já estava baixa, não pode ser, antes da luz se apagar eu vi que tinha muita carga, já estamos sem luz faz tempo, ela respondeu, foi aí que voltaram os chiados nos alto-falantes, o cara alto de terno socou o teto, Patrícia disse que ele estava com raiva, eu disse que ele queria quebrar o alto-falante, se ele quiser acabar com o barulho de vez, vai ter que quebrar todos então, eu concordei com ela, alguém perguntou, dando gargalhada, se o chiado podia ser deus tentando entrar em contato, outro alertou que estava na hora de ter respeito, o pastor respondeu que aquilo era o diabo e não deus, que o vagão era o inferno, que nós seríamos devorados, então ouvimos o som de portas batendo, as que ficavam de frente pra onde eu e Patrícia estávamos, alguém gritou que alguém tinha saído e isso despertou a atenção do segurança, quem saiu? ele perguntou, as luzes dos celulares sobre ele agora como se ele fosse o personagem mais importante da peça, ele correu até as portas e passou as mãos sobre elas, Patrícia falou alto que não fazia diferença se alguém tinha saído ou não, ele veio até nós e disse que fazia diferença, ninguém sai desse vagão, ele gritou, eu o empurrei e mandei que ele se afastasse, Patrícia mandou que ele voltasse pra o lugar, eu devia ter expulsado vocês dois do trem, nada de vagabundos aqui, não somos vagabundos, somos artistas, Patrícia disse e ele soltou uma risada tão alta que abafou o chiado dos alto-falantes, a névoa ofuscava o ambiente mas eu pude notar que os olhos dele estavam arregalados pra nós, como um bicho furioso, tirou o cassetete do cinto e começou a esbordoar a parede do vagão, hora de

parar com isso, alguém falou, as luzes caíam sobre a gente, o segurança veio andando na nossa direção através da névoa, cassetete pronto pra bater e eu já estava levantando o case, considerando que o melhor local pra acertá-lo seria na cabeça, é o cassetete ou o case, eu pensei, ele se aproximava e eu fiquei firme ali, de repente ouvimos uma pancada forte nas portas e depois outra, as luzes dos celulares começaram a correr de uma porta à outra, tentando enxergar de onde vinham os golpes, o segurança correu pra perto de uma porta, eu corri pra outra, liguei meu celular outra vez e joguei luz através da janela, escuro como sempre, um passageiro disse que tinha escutado alguém gritar socorro e um outro disse ter visto pessoas lá fora, as pancadas continuavam, ouvi gritos, o garoto começou a chorar, a mulata veio pra perto de nós e perguntou se conseguíamos ver alguma coisa, Patrícia respondeu que não, que não tinha visto ninguém, eu também escutava os gritos, outros diziam que escutavam gargalhadas, o chiado dos alto-falantes diminuía e aumentava de volume, a mulata começou a puxar as portas, enfiou os dedos pela borracha, querendo abri-las, Patrícia começou a puxar também, a gente tem que abrir isso, ela disse, mas alguém falou que não era seguro, a gente não sabe o que está acontecendo lá fora, mais pancadas no vagão, parecia vir de todos os lados mas eu não via ninguém naquela escuridão, o segurança gritou que ninguém estava autorizado a abrir as portas, que todos tinham que permanecer dentro do vagão, eu também puxava as portas quando senti um golpe nas pernas, o segurança estava enfurecido, eu caí no chão e ele continuou batendo, Patrícia gritava com ele, eu tentei me defender e ele continuou batendo, então alguém veio e agarrou o segurança, ele tentou se desvencilhar mas desabou pra trás, ficou estirado no chão, não se mexia, foi aí que as luzes do vagão se acenderam e o ar voltou a funcionar, o chiado continuava bem baixo agora, só a estática, o segurança tinha batido a cabeça e caído próximo das fezes do garoto, tinha um corte na nuca e sangrava, todos olhamos pra aquele corpo no chão, pensei logo que só o cara alto de terno poderia ter derrubado o segurança daquele jeito mas ele estava longe quando as luzes se acenderam, Patrícia olhou pra mim e seus olhos estavam moles novamente, a mulata levantou e caminhou até o corpo, tirou o rádio do cinto dele, foi quando eu tentei levantar e não consegui, não podia apoiar a perna no chão, a dor era angustiante, Patrícia perguntou o que era e eu levantei a barra da calça, minha perna estava inchada e com hematomas, está tudo bem, só preciso ficar encostado aqui um pouco, as palavras que eu usei serviram pra tranquilizar Patrícia, mas eu também buscava algum consolo no que eu mesmo dizia, o garoto comia um pedaço de chocolate e eu tinha fome, muita fome, perguntei pra ele se tinha mais e ele sacudiu a cabeça, não tinha, a mãe disse que era o último, outros passageiros prestavam atenção à conversa,

certamente eu não era o único que tinha a barriga roncando, pedi pra Patrícia tirar meu tênis porque estava me apertando, então eu vi que meu pé também estava inchado, os hematomas eram grandes, ele sabe bater, eu pensei, Patrícia perguntou se eu sentia dor, a gente tem que sair daqui, ela disse, eu não consigo andar, quando a equipe de resgate chegar, eles vão ter que te carregar, ela sabia que ninguém viria buscar a gente mas essa foi a maneira que ela achou de me animar, sorri pra ela, não podia fazer mais do que isso, o cara alto de terno, na outra ponta, estava falando que quem saiu quando as luzes se apagaram foi o casal que já havia tentado fugir antes, a mulata, enquanto mexia no rádio, completou que outros passageiros também tinham saído, não sabia exatamente quem mas tinha certeza que tinham, começou a descrever um ou outro passageiro de que se lembrava quando circulou pelo vagão anotando nomes, o gordo de terno se levantou, foi andando até o canto do vagão, parou perto das fezes do garoto e abriu a calça, a urina que escorria formou um fio líquido que correu na direção do segurança, nós é que somos uns imbecis, ainda aqui dentro esperando um resgate que nunca vai chegar, o gordo falou com a cabeça virada pra nós e ainda urinando, quem tem coragem pra ir lá fora? alguém reagiu, ninguém respondeu, minha perna doía cada vez mais, a névoa parecia mais turva e o cheiro enjoava, Patrícia disse que as batidas que se ouviu podiam ser o resgate, eles passaram e, por estar muito escuro, não perceberam que ainda havia passageiros aqui, e as luzes do celular? eles não viram? e as vozes? você explica isso? eu ouvi gente pedindo socorro, eu também ouvi, outro passageiro disse, eu não ouvi nada disso, muito tempo aqui dentro faz a gente imaginar coisas, Patrícia respondeu, eles continuaram debatendo, Patrícia sem dúvida ouviu os pedidos de socorro mas preferia continuar devota à sua razão, um homem que estava sentado no chão se levantou e tirou a blusa, um mulher também se levantou e os dois foram até as fezes, ele esticou a blusa na frente da mulher, como um biombo, ela suspendeu o vestido e se agachou, o homem disse que precisava de papel higiênico e olhou pra o pastor, ele se abraçou à bíblia como se fossem roubá-la dele, arrepende-te, pois, quando não, em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da minha boca, a mulata mandou que ele ficasse quieto, procure no livro de deus uma passagem que tolere um homem num corpo de mulher e eu me calarei, ele respondeu, o cara alto de terno foi até o pastor, segurou o pescoço dele e pegou a bíblia, rasgou umas três ou quatro páginas, as entregou pra outro passageiro que as passou pra frente e pra frente até ser entregue à mulher que defecava, o pastor continuou resmungando, o cara alto de terno jogou a bíblia de volta na direção do pastor e ela caiu aberta no chão, o pastor ajoelhou, pegou a bíblia nas mãos e começou a ler em voz alta, a fera abriu a boca em blasfêmias contra deus, contra

o seu nome e contra a sua morada, sim, contra os que moram no céu, foi aí que as luzes começaram a falhar, indo e voltando, de repente o chiado aumentou e ficou mais agudo, o som era estridente e contínuo, Patrícia se encolheu protegendo os ouvidos, o pastor movia os lábios mas eu já não conseguia ouvir o que ele dizia, dos alto-falantes, saíam sons de vidros sendo quebradas e coisas sendo retorcidas, os passageiros taparam os ouvidos, o barulho estava se tornando insuportável, o cara alto de terno começou a socar o alto-falante acima dele, o gordo parecia estar gritando, no assento perto da janela, vi um senhor tapar os ouvidos, fechar os olhos lentamente, tombar pra o lado e bater a cabeça, a luz se apagou, quando voltou, segundos depois, eu vi a mãe do garoto, parecia discutir com ele e ele chorava, a mulata estava encolhida também, com as mãos no ouvido, alguém começou a gritar socorro e a socar as janelas, outro passageiro tentava puxar as portas, as pancadas tinham voltado e eu tentei levantar pra ver o que acontecia lá fora mas minha perna doía muito, a névoa ficava cada vez mais turva, perguntei a Patrícia de onde vinha aquela névoa e ela fez um gesto como se não estivesse entendendo minha pergunta, essa névoa, eu insisti, que névoa? ela perguntou, a luz se apagou, eu ouvia vozes conhecidas e desconhecidas, o chiado atordoava, fazia a cabeça latejar, a gente tem que sair daqui, Patrícia disse, a luz se acendeu e o palco havia ficado mais grotesco, alguns passageiros corriam de um lado pra o outro, totalmente desorientados, eu não conseguia ver a mãe do garoto, nem a mulata, o vagão estava quase todo tomado pela névoa, você tem que levantar, Patrícia disse, mas minha perna estava muito inchada, eu não conseguia encontrar meu violão, então a luz se apagou e eu ouvi o som de vidro sendo estilhaçado, a voz do pastor gritava arrepende-te e tu não serás devorado, alguém caiu perto da gente e começou a pedir ajuda, quando a luz se acendeu, não havia ninguém mais ali, olhei pra Patrícia e seus olhos estavam mais moles do que nunca, ela me puxou pra junto dela e disse que alguém tinha quebrado o vidro de uma janela, que a gente tinha que sair dali, eu estava sentando no chão, encostado na parede do vagão, os hematomas da minha perna estavam bem maiores, a gente tinha que andar até a ponta do vagão pra alcançar a janela, vi um passageiro com as mãos ensanguetadas saltar pra fora do trem, entrando pelo vidro quebrado, a névoa inundava o vagão, as pancadas nas laterais do trem eram tão fortes que pareciam marteladas, com muito custo, eu consegui me levantar escorando nos assentos e nas balizas do corredor, vai na frente, eu disse pra Patrícia, você não vai conseguir pular a janela sem minha ajuda, vou sim, ainda vi outros passageiros sentados, encolhidos nos cantos, a bíblia sem pastor caída no chão, a luz se apagou outra vez quando eu estava a meio caminho da janela e era confuso se orientar naquela escuridão, não importava estar com os olhos

abertos ou fechados, nada se enxergava, em meio àquele chiado excruciante, ouvi uma voz familiar atrás de mim e me virei mas era inútil tentar distinguir alguma coisa, à minha frente, a voz de Patrícia chamava meu nome, pedia pressa, eu fazia o melhor que eu podia, a perna doía demais, quando a luz voltou, eu vi o segurança de pé do meu lado com o cassetete na mão, pronto pra o golpe, seu rosto estava molhado e tinha fezes no uniforme, ninguém sai do vagão, ele gritou, a janela estava próxima, Patrícia estava próxima, a último coisa que vi antes de tudo se apagar foram aqueles olhos moles, acordei no chão do trem, parecia que eu tinha dormido ali por dias, ouvi as portas se abrirem e abri os olhos, os passageiros entravam, procurei Patrícia pelo vagão, levantei e minha perna ainda doía muito, suspendi a calça pra ver os hematomas mas nem inchaço nem hematomas, procurei meu violão, eu mancava enquanto andava pelo corredor, a janela estava intacta, examinei o chão em busca de pertences esquecidos, olhei os cantos em busca das fezes do garoto, olhei sob os assentos e nada, então notei alguns rostos conhecidos entre os passageiros e perguntei pra eles onde ela estava, reagiram com indiferença, fingiam que não me conheciam, o que aconteceu com ela? o que aconteceu com os outros passageiros? mas eles fingiam que não sabiam do que eu estava falando, respondiam que não sabiam do que eu estava falando, você estava aqui, e você e você também, o que aconteceu? eu perguntava, tinha uma janela quebrada ali, eu apontava, mas eles continuavam fingindo, sentei num dos assentos, os passageiros fingiam, todos fingiam, eu falei pra mim mesmo, minha boca estava seca, eu estava faminto, uma voz feminina informou que a próxima estação era a Glória, eu fiquei encarando o alto-falante acima da minha cabeça, esperando ouvir o chiado outra vez, tem alguma coisa errada, eu pensei, quando as portas se abriram, eu desembarquei, procurei meu celular nos bolsos e não o achei, perguntei as horas pra primeiro pessoa que passou por mim, seis e dez, ela disse, saí da estação e havia uma névoa nesse dia, uma névoa tão espessa que cobria a cidade inteira.